

ARE-CRIAÇÃO COMO REALIZAÇÃO DA PLENITUDE ESCATOLÓGICA EM Is 65,17-25

Norberto Cunha Garin

1. Introdução

Os capítulos 65 e 66, inseridos na última parte do livro do Profeta, constituem um conjunto escatológico possivelmente datado do período pós-exílico. Corresponde ao período persa, mas antecedendo as reformas de Esdras e Neemias da segunda metade do séc. V. Trabalham temas fundamentais à apocalíptica posterior como a guerra entre o bem e o mal, a universalização do julgamento, a transformação do cosmos e da história, entre outros. Trata-se de uma produção que reflete o pensamento da comunidade judaica que retornou do exílio. Estes dois capítulos encerram tanto o Terceiro Isaías, quanto o livro profético como um todo, e isto deve ser levado em consideração nos estudos sobre o mesmo. O texto em pauta, 65,17-25, parece ser independente tanto dos cap. 40-48 quanto dos cap. 60-62.

Considera-se que o conjunto denominado Terceiro Isaías, cap. 56-66, seja obra dos círculos que perderam a corrida pelo domínio do culto oficial, que foi ganha pelos aaronitas, comprometidos com o Código Sacerdotal. Estes criam que o culto centralizado do templo de Jerusalém se constituía num programa suficiente para a restauração de Judá. Recebiam apoio dos persas para desenvolver o seu projeto. Esses aaronitas levaram a cabo um programa que, pelo fato de envolver um pequeno grupo, facilitava a corrupção. O círculo se fechou à participação mais ampla e ensejou o desequilíbrio socioeconômico, que culminou com a reforma democrática de Neemias.

Derrotados, os livitas “inferiores” compuseram esta obra de vozes proféticas/sacerdotais. Sua proposta abrangia uma abertura maior do círculo sacerdotal, permitindo a participação de líderes religiosos eticamente honestos, responsabilmente integrados à vida comunitária e apoiados por lideranças políticas honestas.

É possível que alguns dos textos compilados estivessem originalmente na forma de prosa. Trata-se de um conjunto profético com características tardias onde o julgamento de antigamente é visto pelo enfoque de um futuro mais alvissareiro. É a mensagem de uma comunidade que carrega em si os sinais da esperança. Ergue seu braço contra aqueles que controlam o culto oficial do templo, que são responsáveis pela opressão socioeconômica e pelo derramamento de sangue e anunciam o “novo” que está para aparecer no horizonte construído pela comunidade de fiéis.

Da sua situação de miséria superada e da esperança que não morreu, abrem-se perspectivas infinitas. O círculo de profetas está convencido de que a justiça e a salvação se aproximam. Estas ultrapassam a história. Outra questão que deve ser mencionada é a alternância entre julgamento e salvação, indicativa de uma comunidade que experimentava o conflito e lacunas religiosas.

Percebe-se uma quebra de estilo entre o capítulo anterior e este. O primeiro versículo não se harmoniza com o 64,11. Não se trata de uma resposta ao texto anterior. Alguns temas presentes neste capítulo como as alusões à serpente (v. 25), à árvore da vida (v. 22) e à longevidade (v. 20) demonstram aproximação entre as narrativas de Gênesis de 1 a 11 e 56–66. É possível identificar a influência deuteronomista sobre o texto em pauta.

Contudo, não se deve perder de vista que, apesar das épocas distintas e até da divisão que se faz do livro de Isaías, há um conjunto, um todo de redação no livro. Em diferentes momentos é possível perceber alusões e cumprimentos de profecias de partes anteriores.

2. O texto

v. 17 – trata-se de um hino de esperança que não se encerra no cap. 65 – em 66,22-24, parte do discurso escatológico final, encontra-se praticamente o mesmo versículo salientando os mesmos sinais do novo tempo vinculados à adoração de Javé;¹ assim como Ele criou tudo, também há de re-criar o tempo que se abre como esperança diante de todos/as; quando o autor se refere a criar, como é comum no deuterot-Isaías, se refere tanto ao cosmos (40,26².28; 42,5; 45,7³.18⁴), como também a Israel (43,1⁵.7.15) e até mesmo a outros elementos pertencentes à história (41,20⁶; 45,7; 48,7; 54,16⁷); não se deve perder de vista que a intenção do círculo profético, ao falar de “novos céus e nova terra”, é simbólica; é possível perceber neste versículo a mensagem messiânica entendida como felicidade do retorno ao paraíso ligado à inocência da infância;⁸ céus e terra novos significam a re-criação de tudo; a menção de que as coisas antigas não habitarão mais a memória do ser humano é um instrumento de segurança e preservação para a nova comunidade, para o novo homem e a nova mulher que habitariam a nova terra; a ênfase de que os acontecimentos “não subirão⁹ (tornarão a vir¹⁰) ao coração” remete, além da lembrança guardada na mente (memória), também aos sentimentos vividos (no coração); os acontecimentos que estavam para ser revelados eram ainda muito maiores que aqueles episódios maravilhosos da história do povo que, mesmo maravilhosos no passado, se tornariam insignificantes diante da grandio-

1. Mesmo que faça parte do projeto da comunidade o “novo” sempre será obra do Senhor.
2. “estas coisas” (ou os astros) se refere aos exércitos dos céus que na Babilônia eram elementos divinos.
3. Além das coisas pertencentes ao cosmos Javé é apresentado como o criador tanto do bem-estar como da desgraça no sentido de que Ele é o Senhor de tudo.
4. Transmite a idéia de que Javé fez “com as mãos” a terra, modelou para que fosse um lugar de habitação.
5. Assim como a terra, Israel também foi modelado por Javé; é um texto que anuncia a libertação do povo.
6. Apresenta a idéia de que Javé é um Deus que socorre os “pobres” e os “indigentes” da terra dando-lhes água capaz de transformar desertos em fontes e mananciais.
7. Anuncia a criação de profissões importantes para Israel, como o ferreiro, profissão exercida pelos inimigos de Israel no séc. X a.C., os Filisteus; a intenção é mostrar Javé como poderoso criador de tudo.
8. Em Is 11,6 encontra-se a afirmação de que os animais ferozes serão guiados por um inocente menino.
9. Proposta de tradução de Croatto, 2002, p. 339.
10. Tradução da Bíblia de Jerusalém.

cidade do que estava por vir; evidentemente não se trata de sepultar no esquecimento as obras passadas, porém os eventos maravilhosos do passado se tornarão tão pequenos diante dos que estão por vir que a mente de Israel nem os visitará mais; a ênfase está sobre o totalmente novo que será (está sendo) criado; há comentaristas que argumentam sobre a inclusão tardia do v. 17 com um objetivo apocalíptico, realizado por alguém com a intenção de dar este acento ao texto e há quem considere que o centro da promessa está limitado entre 16b e 19a, considerando os demais versículos como acréscimos de redatores deuteronomistas;¹¹ o v. 17 bem poderia ser uma reinterpretação e um complemento do anúncio do fim cósmico predito em 51,6; desta forma este verso se inscreveria dentro da porção do segundo Isaías (40–55) que trata do tema da criação das trevas e da luz, etc.;

v. 18-19 – o começo do v. 18 opõe a vivência do sofrimento do exílio e o sacrifício do recomeço ao gozo e à alegria que o próprio Javé já está mostrando em sua ação; o novo tempo e a nova criação constituirá uma nova cidade – Jerusalém; neste versículo a ênfase já não é mais “novos céus e nova terra” (v. 17), mas Jerusalém e seu povo; o motivo da nova criação é a situação de gozo e de alegria; nesta promessa de nova criação já não são mais importantes o cosmos ou Israel e sim as condições das pessoas – a situação humana em si, aquela que gera o pranto e o clamor (v. 19), as angústias (v. 16) e a dor (61,1-3); Jerusalém não aparecia no julgamento mas é acentuada nas bem-aventuranças; nesta nova cidade não haverá lugar para os infortúnios; a alegria e o gozo para Jerusalém é o motivo da nova criação de terra e céus; alegria e gozo são termos que aparecem repetidamente nos v. 18-19, apontando para a qualidade da experiência que tanto Jerusalém quanto o povo há de viver; representam termos fundamentais em todo o livro de Isaías e fazem parte de promessas repetidas como em 61,7¹².10¹³; gozo e alegria são também expressões que se tornam oposição às angústias que o “meus servos” na condição presente conforme as bem-aventuranças de 13-14; há uma correspondência entre a expressão de criação do novo céu com o júbilo da cidade e da nova terra com a alegria do seu povo; tal correspondência parece satisfazer às angústias e esperanças das pessoas; aliás, é importante salientar esta alternância do texto entre “seu povo” (de Jerusalém) no v. 18 e o “meu povo” (de Javé) no v.19; o regozijo do povo no v. 18a passa pelo regozijo de Jerusalém e finalmente se transforma no regozijo de Javé no v. 19, fazendo um paralelo com o regozijo do noivo que desposa uma virgem (62,5b); ressalte-se que em 19b o regozijo e a alegria são caracterizados pela ausência de choro e de clamor; o tema do regozijo é um dos temas preponderantes do Trito-Isaías (60,15; 61,10; 62,5).

v. 20 – considere-se a possibilidade dos v. 19b e 20 pertencerem a um autor distinto, que projeta para o futuro onde a longevidade será maior a partir de uma transformação, de tal sorte que a violência e a opressão serão suprimidas num tema muito próximo de 29,17-21; também parecem estar relacionados os temas utópicos da justiça,

11. BLENKINSOPP, 2003, p. 285.

12. “vergonha que tendes sofrido” por “porção redobrada”; “humilhação” por “gritos e júbilo”.

13. “Transborda a alegria de Javé”; “a minha alma se regozija”.

paz e segurança, presentes em 35,1-10; este novo momento limparia o choro e a lamentação pela destruição da morte prematura das crianças e pelo prolongamento da vida para os anciãos; o tema do fim da morte aparece em 25,8 só que de uma maneira bem explícita, enquanto que aqui é pressuposta (“criancinhas que vivam apenas alguns dias” e “velhos que não completem a sua idade”); esta mudança radical, cuja imaginação do futuro é prevista neste versículo, teria repercussões em outras áreas tais como a economia, o relacionamento social e as expressões da própria cultura; ela estaria apontando para a realidade vivida freqüentemente pelo povo como Jeremias descreve em Lm 2,11b¹⁴.19b¹⁵.4,4¹⁶.

v. 21-22 – é possível perceber uma passagem do idealismo utópico de versículos anteriores para a construção de um plano calcado numa realidade palpável “construirão casas”, “plantarão videiras”, etc.; ainda que possa refletir um certo sonho, este agora é mais palpável e a “nova terra” começa a ter face, mostrar-se; é um plano que vai ao encontro das necessidades concretas do homem e da mulher que trabalham a terra para nela viverem e dela se alimentarem; a realização da profecia de 62,8-9, na qual se pressupunha que tanto o trigo quanto o vinho produzidos pelo/a trabalhador/a da terra estavam sendo usurpados, por inimigos estrangeiros, começa a se realizar nesta narrativa; as maldições anunciadas e com certeza vividas pelo povo durante o exílio e noutros momentos de invasão estrangeira, presentes em Dt 28,29b-33, começarão a ser superadas nesta nova terra; é marcante a expressão “outros” que abrange uma gama considerável de usurpadores do trabalho e do suor alheios; apesar da subjetividade do pronome indefinido o povo sabia a quem (ou aos quais) em diferentes épocas se referia; a ênfase está justamente no domínio e posse dos seus bens e da produção deles; casa e vinhas – segurança e alegria passavam a ser usufruídas pelo povo que conquistava sua autonomia como anuncia Jeremias “...plantarás vinhas e colherão...” (Jr 31,5); de outra sorte, a profecia oferecida ao rei Ezequias (37,30b), e não realizada anteriormente, encontra o seu cumprimento em 21a; é marcante, neste versículo, não tanto o fato da produção de bens e a construção de casas, mas a liberdade que o povo teria para fazer isto com autonomia e com a garantia da posse destes bens; é notável assinalar a constatação (v. 22b) de que agora, com esta nova perspectiva de vida, o povo seria como os dias de vida da árvore, ou seja, longos sobre a terra; esta alusão à longevidade do povo retoma e oferece cumprimento para o tema do quarto canto do servo em 53,10b; um novo personagem aparece na conclusão do v. 22, “meus eleitos”; é possível encontrar uma relação forte entre a fartura do consumo de frutos do trabalho com a conclusão do quarto canto do servo em 53,12a, ao se referir a “um quinhão entre as multidões”; entretanto não é um elemento estranho, pois está em acordo com a bênção do v. 20 e constrói uma ligação sutil com o v. 23a que “não se cansarão em vão”; de outra sorte encerra, na forma de quiasmo, o bloco 20-22 que se mostra como uma unidade.

14. Refere-se à morte de jovens e crianças de peito.

15. Refere-se à oração pelos “filhinhos que morrem de fome”.

16. Menciona a situação de crianças de peito que pela falta de água e de pão ficam abandonadas.

v. 23 – inicia com a alusão aos “meus eleitos” do v. 22c e a afirmação de que o cansaço provocado pelo seu trabalho não será inútil; esta alusão retoma o texto do segundo canto do servo na forma de quiasmo à distância (ao inverso) 49,4 e do quarto canto em 53,11, oferecendo um cumprimento para estes oráculos, tanto na visão do fruto da fadiga como na fartura de frutos que existirá na nova terra; é significativo relacionar com Lv 23,16 quando trata das maldições e se refere ao semeio para que os inimigos colham e comam; dessa forma, a nova terra se constitui na inversão desta maldição, oferecendo aos “meus eleitos” uma bênção quando o texto aponta a construção da “raça dos benditos de Javé”; trata-se de uma comunidade de fiéis abençoados; esta noção de bênção fica muito explícita e possui um paralelo que confirma isto na bênção de 61,9 onde refere que as “nações” irão reconhecer “que eles são a raça que Javé abençoou”; pode se considerar uma retomada da antiga bênção de Abraão de Gn 12,2-3 com o diferencial que aqui não se refere a todo o Israel, mas a um grupo de “fiéis”; o v. 23 encerra a sucessão de “não” no sentido de “nunca mais”, apontando para a nova realidade que se cria a partir do anúncio da criação dos novos céus e da nova terra (v. 17).

v. 24 – com este versículo chegamos a uma fórmula de acabamento do oráculo, mostrando que a benevolência de Javé se antecipa ao próprio clamor quando há fidelidade; trata-se de uma resposta àqueles que mesmo chamados e tendo ouvido a voz dele não se apresentaram, antes preferiram seguir outros caminhos, fazendo o que era mau aos olhos de Javé e escolhendo o que não era do seu agrado (v. 12b);

v. 25 – a perícopes parece encerrar-se no v. 24; as indicações levam na direção de um acréscimo posterior, mas nem por isso deixa de ser importante; neste versículo há uma alusão clara de retorno à primeira criação, à vida no paraíso de forma especial na alusão à serpente em 25b; percebe-se uma proximidade do tema, da harmonia com o mundo animal, como a narrativa de 6,6-9, que no v. 25 aparece na forma de síntese; trata-se do grande final que proporciona um acabamento impactante ao oráculo; parece que esta proximidade entre animais ferozes e domésticos e carnívoros pastando tem a intenção de apontar para o extraordinário mundo fantástico que Javé é capaz de criar; semelhante a este final são 35,1-10, que anuncia o hino do retorno triunfante dos exilados; Ez 35,9 faz referência a esta mesma harmonia da natureza para trazer paz aos eleitos; na mesma direção Os 2,20 que anuncia um pacto de Javé, mudando a atitude dos animais silvestres e anunciando o desarmamento e o final das guerras; assim também é a bênção de Lv 26,6.

3. Conclusões

Algumas questões se levantam para o leitor de Is 65,17-25. Uma delas seria sobre a necessidade de produção de um texto que alimentasse a esperança do povo na direção escatológica, porque pela via histórica esta esperança tornava-se remota, mesmo com o evento do retorno. Os maus tempos do exílio tinham deixado marcas dolorosas no coração do povo. Agora, depois do retorno alegre para a terra de Judá, a situação começava a se complicar. Dessa vez não era uma ameaça estrangeira, mas a ambição de poder dos próprios compatriotas. As disputas internas pelos cargos ligados aos

serviços do Templo de Jerusalém colocavam irmãos em lados opostos a tal ponto de provocar injustiças econômicas, sociais e políticas. Livres do cativeiro, das imposições estrangeiras e das guerras insistentes, agora se viam cativos da sede de poder.

A voz discordante surge de dentro de uma comunidade de fiéis, um círculo de profetas, que, derrotado no seu projeto participativo para assumir o templo, coloca-se a serviço de Javé e faz ecoar o clamor dos excluídos em busca de justiça. Esse clamor aparece na forma de uma narrativa escatológica que anuncia a proximidade do novo tempo.

A proclamação desse oráculo aparece na promessa de Javé de re-criar tudo de novo. Característica dos círculos apocalípticos, a mensagem profética aponta para feitos tão extraordinários que todas as maravilhas que foram criadas e todos os feitos anteriores de Javé serão turvados pelo brilho e pela grandiosidade desta nova criação. Juntamente com a promessa da criação do novo tempo vem a certeza de que a alegria e o gozo encherão os corações de Jerusalém. Como em todo o círculo apocalíptico o prêmio pela fidelidade aparece como recompensa pela lealdade a Javé. Este prêmio constituído de alegria e gozo acaba se refletindo também em Javé, que se alegrava e se regozijava com a alegria do povo de Jerusalém, que também era o povo de Javé. Assim como num casamento a noiva se alegra com o casamento, o noivo se alegra com a alegria da noiva e ambos se regozijam, assim também acontece com Javé e Jerusalém.

A mensagem, sem abandonar a dimensão do sonho utópico, penetra num campo mais palpável da realidade vivida pelo povo. Nesta nova criação as crianças não irão mais morrer na infância. É anunciado, como parte da nova criação, o aumento da perspectiva de vida de crianças, jovens e anciãos. Diferente do tempo anterior no qual os trabalhadores construía as casas para os seus patrões e plantavam as lavouras para os estrangeiros colherem, agora construirão e morarão nestas casas, plantarão, colherão e comerão do fruto que plantaram porque a liberdade se instalará finalmente na terra. Mas toda esta nova perspectiva estará disponível e nas mãos apenas dos eleitos de Javé. Não será para todos. Não será para quem virou as costas para Javé, quando ele chamou. Será para a comunidade que permaneceu fiel e não se corrompeu com o poder ou com as promessas da proposta estrangeira.

Agora, o cansaço do trabalho será recompensado com casas, com frutos, com longevidade, com herdeiros. Enfim, quem trabalhar verá o resultado do que fez e se alegrará e se regozijará. O próprio Javé antecipa, para os seus eleitos, as suas benevolências. A conclusão do texto aparece como uma fórmula bastante freqüente na mensagem profética através de uma nova harmonia na natureza, onde inimigos do passado andam juntos e partilham a mesma comida. Embora possa ter sido um acréscimo posterior, o v. 25 é apoteótico enquanto celebração dessa paz que se estabelece para dar segurança e tranqüilidade aos eleitos de Javé, que já não lembravam mais como era a vida antes dos sofrimentos.

A arrogância do ser humano havia quebrado a harmonia que havia entre ele e o restante da criação. No novo tempo, o tempo da nova criação, a harmonia se estabelece novamente. Com a nova criação todos os projetos se realizam e a paz se torna plena para aqueles/as que foram fiéis.

É possível que Israel nunca tenha experimentado uma realização plena como descreve este texto, mas é necessário assinalar que a mensagem da esperança escatológica produzida pelos círculos proféticos/apocalípticos desta época alimentaram a esperança do povo e tornaram possível a luta pela vida até a reforma de Neemias e Esdras, por volta de meados do séc. IV aC.

4. Bibliografia

AMSLER, S.; ASURMENDI, J.; AUNEAU, J. MARTIN-ACHARD, R. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BLENKINSOPP, Joseph. *The anchor bible – Isaiah 56 – 66 – a new translation with introduction and commentary*. New York: The Anchor Bible, 2003.

CRABTREE, A. B., D. B., Th. D. *A profecia de Isaías – cap. 40-66 – texto, exegese e exposição*. Vol. II, 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.

FRIEDLÄNDER, M. *The commentary of Ibn Ezra on Isaiah*. Vol. I. New York: Philipp feldheim, inc. [19—].

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

Norberto Cunha Garin